

Alessandro Dozena

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
sandozena@click21.com.br

O lugar do samba: Notas de pesquisa sobre a dinâmica espacial em dois bairros paulistanos

Resumo

Este artigo relata a pesquisa de campo efetuada em dois bairros tradicionais em samba na cidade de São Paulo, a Bela Vista e o Parque Peruche. Essa delimitação orientou o pesquisador para o entendimento da organização interna das escolas de samba Vai-Vai e Unidos do Peruche, abrindo-se novas possibilidades para a compreensão das redes de sociabilidade e pertencimento ali presentes. Partindo desses recortes, buscou-se apreender o dinamismo das relações sociais que se estabelecem no âmbito das duas escolas de samba e do entorno em que se localizam.

Palavras-chave: Lugar, Samba, São Paulo, Sociabilidade.

Abstract

THE PLACE OF SAMBA: NOTES ABOUT SPACIAL DYNAMICS OF TWO NEIGHBORHOODS IN SAO PAULO CITY

This article presents a reflection about two traditional neighborhoods in São Paulo city: Bela Vista and Parque Peruche. We looked at the samba schools' organization Vai-Vai and Unidos do Peruche; so they are opening up new possibilities for the understanding of sociability and sense of locality. The delimitation has guided us to understand the dynamism between samba schools' social relationships and their neighborhood.

Key-words: Place, Samba, São Paulo, Sociability.

1. Introdução

A alcunha chistosa de “túmulo do samba” dada a São Paulo, imputada a Vinícius de Moraes e posteriormente utilizada com ironia por Caetano Veloso na música *Sampa*¹ apontava ironicamente a vocação da cidade para o trabalho, em oposição à realidade dionisiaca do Rio de Janeiro, que seria o “berço do samba nacional”.

Em visita recente à cidade do Rio de Janeiro, ao ser apresentado como pesquisador do samba, ouvi o seguinte chiste: “Em São Paulo, cordão só se for de isolamento e bloco de concreto”. É interessante destacar que esta é uma provocação antiga feita pelos cariocas aos paulistas (o que talvez possa se estender ao suposto comentário atribuído a Vinícius), que nos anos 1970 gerou dezenas de respostas em matérias jornalísticas escritas pelo diretor de teatro Plínio Marcos. Nesse espírito, Plínio criou a Banda Bandalha em 1975, ainda existente com a denominação de Banda Redonda, atualmente organizada pelo senhor Carlos Alves Costa.

A afirmação sobre São Paulo ser o “túmulo do samba” e a “terra do trabalho” tornou-se popularizada pelo senso comum, fazendo com que vários compositores e intérpretes buscassem resgatar a importância do carnaval e do samba aqui realizados. É interessante notar que, para Viana (1995), não houve em São Paulo um movimento para a divulgação ou nacionalização do samba paulista, como o que ocorreu com o samba carioca a partir dos anos 1930. Isso provavelmente se deve ao fato do Rio de Janeiro ter sido a capital do país por um longo período, o que lhe proporcionou maior visibilidade. Além do mais, como posto anteriormente, as escolas de samba de São Paulo adotaram o modelo de desfile carioca, o que, embora não justifique, contribuiu para a formação de uma imagem de subserviência e inferioridade do samba e do carnaval paulistanos em relação ao samba e ao carnaval cariocas.

A partir do material recolhido durante a pesquisa de campo realizada no período anterior à realização do carnaval de 2010 (agosto a janeiro), agrupamos elementos que se direcionam para a diversidade dos participantes do “mundo do samba”, que se transmuda em distintas representações e discursos, impregnados de um “valor histórico” a respeito da importância do samba na conformação dos bairros da cidade de São Paulo. Isto nos é

revelado pela enorme quantidade de escolas de samba, blocos carnavalescos, rodas de samba, bares, casas de samba e o que nos parece de mais original: as dezenas de projetos e movimentos de samba, que trazem a prática da resistência ou “re-existência” intrínseca a eles.

Buscando-se analisar a variedade de significados a respeito da importância do samba para os bairros, e vice-versa, optamos pela utilização do termo “forasteiros” para se referir aos que casualmente participam do “mundo do samba”², os indivíduos que não comungam dos eventos de samba que acontecem continuamente durante o ano, não tendo, portanto, os mesmos vínculos gerados e fomentados pelos encontros constantes que ocorrem no “mundo do samba”.

Ser “da Unidos do Peruche”, “da Pérola Negra”, “da Nenê da Vila Matilde” ou “da Vai-Vai” expressa para a maioria das pessoas um forte sentimento de pertencimento à escola de samba e ao lugar; sentimento de “donos do bairro”, proveniente de sua descendência de antigos moradores de lugares específicos, que guardam idiossincrasias:

O sentimento de identidade e de pertencimento, embora subjetivo, tem sempre um sentido (...). A identidade é simultaneamente uma forma de relação social e uma forma de representação espacial que resulta em um certo tipo de territorialidade. Em outros termos, essa identidade não é um dado irredutível da realidade, mas sim uma construção, que associa de maneira vital e orgânica os vínculos entre um grupo e seu território. Cada manifestação deste tipo de territorialidade tem, no entanto, seus interesses, suas propriedades e seu alcance definido em contextos que lhes são próprios (GOMES, 2002, p. 119).

O que esses grupos de sambistas estimam e procuram resguardar são as relações sociais centradas na sociabilidade, cujo referencial é a suposta solidariedade que existia “quando São Paulo era da gente...”³. Os eventos de samba realizados nas quadras das escolas, os projetos e movimentos de samba espalhados pela cidade surgem com grande distinção, pois são os momentos de expressão e manifestação dessas relações; quando então é factível voltar e se apropriar das ruas do bairro ou de alguns equipamentos públicos. Nesse ponto, acreditamos que esta seja uma das normas de entrada no “mundo do samba”, pois são nestes eventos de caráter público que se admitem os “forasteiros”.

Usualmente, o valor da individualidade não faz parte das normas que orientam a conduta dos sambistas. A história que entremeia sua organiza-

ção social é uma história de trocas e auxílios, embora existam rivalidades e individualismos principalmente envolvendo a disputa no desfile realizado no Sambódromo do Anhembi.

Durante a pesquisa de campo, as palavras que muito ouvimos para designar a sociabilidade foram “irmandade” e “família”. O “ser sambista”, apesar das exclusividades procedentes seja da condição de renda, cor, faixa etária ou de expectativas de vida diferentes relacionadas à própria história de vida de cada um, traduz-se na preservação da identificação desse grupo frente às modificações pelas quais a sociedade paulistana passou. Assim, o processo de metropolização em São Paulo trouxe mudanças: chegada de novos segmentos populacionais, constituição de novos bairros pela especulação imobiliária e alterações em sua formação social. Este “ser sambista” é quem, por oposição, define então o outro: “o estranho”, o “forasteiro”, o “turista”, o “chegado”, o “irmão”.

Para alguns moradores dos bairros que apresentam escolas de samba, blocos carnavalescos ou movimentos, o samba existe e tem importância enquanto “cultura tradicional”. Entretanto, é importante destacar que, para alguns deles, as escolas de samba são redutos de “marginais” que ameaçam a integridade da população local. Este é o caso de uma parte da vizinhança do bairro da Bela Vista, que está recorrendo à Justiça para fechar a quadra da Vai-Vai, por se sentirem incomodados com a interdição das ruas próximas na época do carnaval⁴; desprezando-se o fato de que a representação da própria escola de samba está plasmada no bairro.

O samba, enquanto manifestação cultural histórica, não tem aparência para este grupo que, mesmo morando no bairro onde os eventos de samba acontecem, pode ser considerado como “forasteiro”. Percebe-se, assim, que apesar da ampla defesa dos diretores da escola quanto à importância de se preservar a tradição do samba no bairro, muitos proprietários se opõem à permanência das escolas de samba próximas à sua residência. A fala de um deles: “quando você morar perto de uma escola de samba vai entender o que eu estou falando”, comprova que a casa é o território do privado e que aí não se aceitam intervenções nem incômodos.

Outro dado interessante observado durante a pesquisa de campo foi em relação a algumas pessoas que vêm procurando nas escolas de samba um local de diversão, principalmente nos finais de semana, durante os ensaios

pré-carnavalescos. A valorização do estilo musical “Samba de Raiz” ganhou visibilidade na mídia em virtude do valor comercial que passou a ter. Isto foi ajudado pelo fenômeno de vendas de Compact Disc (CDs) nos últimos anos, principalmente devido ao sucesso de artistas como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Dudu Nobre. Também nas escolas de samba, muitos querem ouvir e apreciar o “tradicional”. Este “Samba de Raiz” está evidente em modelos ditados pela Indústria Cultural, modismo constituído e articulado por apropriações de noções superficiais e supérfluas do samba.

Pelo visto, o que está em questão é a apropriação do samba e a forma particular pela qual ela se dá. Por um lado, temos os sambistas, cuja identidade está atrelada à prática social e à história familiar; opondo-se às mudanças impostas ao carnaval, muitas vezes, associadas ao enfraquecimento de seu próprio universo.

São poucos os sambistas que têm o samba como filosofia de vida (...) Tem muita gente que está sambista e existe uma grande diferença entre ser e estar sambista (...) Quem está sambista se julga ser sambista por causa de toda mobilização que está acontecendo (...) Lhes falta um procedimento de responsabilidade e comprometimento com a causa do samba (...) Eu conheço sambistas que já nasceram natos embora não sejam herdeiros de nenhum parente sambista (...) Desde garoto frequente e respeita, tendo o samba como uma religião (...) Alguns se acham sambistas por usar um sapato bicolor ou escutar um disco do Candeias ou Geraldo Filme (...) Para ser sambista é preciso ter um comprometimento com a causa, com a militância, com o gênero, com a preservação (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

Esse fato também se torna evidente no depoimento do Sr. Carlão, presidente de honra da Unidos do Peruche, que, enfático, afirma: “O que temos hoje é desfile, não mais carnaval”.

Para esse grupo de sambistas o carnaval não tem importância isoladamente, faz parte do todo e não é o acontecimento mais significativo, pois não vê essa festa como antes. Ainda para esse grupo, o carnaval adquire sentido enquanto vinculado a outros eventos que acontecem durante o ano todo e potencializam o encontro.

Por outro lado, os “forasteiros”, que só aparecem nos meses que antecedem o carnaval, pagam as suas fantasias e têm acesso à escola. Prezam a escola de samba, mas sem os mesmos vínculos e comprometimentos dos membros permanentes.

Muitas atitudes se mostram contraditórias pelos próprios dirigentes das escolas, já impregnados da preocupação norteadora ditada pela lógica do lucro, e que, em muitas ocasiões, desprezam os significados projetados por muitos em sua incorporação ao conjunto social da escola de samba e do bairro em que vivem. Em uma de nossas visitas à escola de samba Rosas de Ouro, presenciamos a cobrança de ingresso para um evento na quadra da escola, e que foi questionada por um membro da comunidade local.

Em meio às mudanças que ocorreram e ainda ocorrem na lógica interna de funcionamento das escolas de samba, é possível identificar pessoas e até famílias inteiras que estão se afastando das escolas de samba por não mais concordarem com os direcionamentos tomados ou por não terem condições financeiras de continuarem participando dos desfiles carnavalescos.

Partindo do objetivo principal do presente artigo, buscaremos o entendimento de como os sambistas produzem na cidade um território próprio a partir dos bairros e como se estruturam as redes de sociabilidade associadas ao samba⁵. A dinâmica territorial da produção social do espaço urbano paulistano será relacionada com as manifestações de samba, com o carnaval, com o cotidiano e com as relações sociais diárias nas quais a comunidade está envolvida.

Ao trabalharmos com este entorno buscamos descrevê-lo e interpretá-lo. Neste momento, seguimos a orientação de Paul Claval, de que é muito válida a utilização da técnica da “descrição densa” proposta por Clifford Geertz:

A realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade? Ao desconfiar dos relatórios simples, por serem feitos na ótica do observador, o etnólogo Clifford Geertz (1973) nos dá um norte. O etnólogo e o geógrafo devem praticar a arte da descrição densa (*thick description*). Trata-se da única maneira possível de integrar, pelo menos, algumas das particularidades culturais das populações e dos lugares estudados (CLAVAL, 2002, p. 20).

Seguindo a proposta da descrição densa de Geertz, foi dada muita liberdade aos entrevistados, para que se sentissem à vontade para expor suas opiniões, vivências e pontos de vista. Esse “deixar o outro à vontade”, ainda que apoiado em um roteiro previamente definido, mas sem a

utilização de questionários fixos, restritos e delimitados, retoma, de certa maneira, o “método geertziano” da descrição densa; no qual se trabalha com a descrição interpretativa das manifestações culturais, desvendando as teias de significados produzidas pelos distintos atores sociais. Esta proposta trata a paisagem como um documento social a ser interpretado, assim como as representações dos seus significados:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como faz Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados (GEERTZ, 1973, p.15).

Buscamos verificar quem são os sujeitos e como eles se comportam no contexto das teias de significados manifestadas nos eventos do “mundo do samba”⁶. Influenciados por esta técnica de pesquisa e compreendendo a importante contribuição da prática da etnografia para as pesquisas de campo em geografia, imergimos no esforço de encarar os fatos observados de maneira intensa, valorizando a descrição das paisagens observadas e o uso dos mapas e do caderno de campo; procedimentos que possibilitam ao geógrafo estabelecer correlações a partir de modos de pensar específicos, que partem da descrição para chegar à explicação; e que também consideram as contradições sociais que se manifestam no território.

2. O samba na “quebrada” do Parque Peruche

“Quebrada” é um termo comumente empregado pelos sambistas, referindo-se ao lugar de convivência do bairro onde os indivíduos estão ou ficam à vontade; semelhantemente àquilo que o antropólogo José Guilherme Magnani (2000) classificou como sendo o “pedaço”:

O espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2000, p. 116).

A Região Norte de São Paulo possui um grande número de escolas de samba da cidade, com destaque para aquelas que fazem parte do Grupo

Especial da Liga das Escolas de Samba de São Paulo, que controla a “elite” do carnaval da cidade⁷.

Demarcando-se inicialmente uma área a ser pesquisada – o Parque Peruche na Região Norte da cidade – observamos grupos diversos e os diferentes significados atribuídos ao samba, ao cotidiano e à memória do bairro e à de seus familiares. Desde os primeiros contatos e entrevistas foi constatada a divisão dessa população entre os que são da “quebrada” e os que não são: na maioria pessoas de outras regiões e que não residem por ali.

Embora não tão distante do centro da cidade, a citação reproduzida abaixo se encaixa perfeitamente ao nosso propósito de estudo do Parque Peruche:

A periferia dos grandes centros urbanos não configura realidade contínua e diferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações. Pode-se avaliar a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas. Uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e às condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano (MAGNANI, 2000, p.117).

O nosso contato com os entrevistados foi facilitado pela conveniência, pois alguns são conhecidos. Iniciamos com uma questão genérica acerca do interesse em conhecer um pouco da história do samba no bairro. Em seguida solicitávamos que nos contassem o que sabiam sobre a história do samba naquele lugar.

Pouco a pouco fomos constatando que, para os mais velhos, falar do bairro tinha o sentido de restauração da memória afetiva fundada nas festas comunitárias e nas relações familiares. Ao reconstituir a memória de alguns sambistas, mostravam-se as relações entre os grupos e as escolas de samba no cotidiano da cidade. Entranhados no passado, iam ao longo das conversas nos fazendo entender um pouco da história do bairro e da cidade. Assim, o Parque Peruche mostrou-se como importante “lôcus” de produção de samba, apto a aglutinar pessoas e tecer seus cotidianos:

Eu não consigo imaginar o bairro sem a escola de samba Unidos do Peruche (...) Sem ela, o bairro ficaria vazio (José, entrevista realizada em 11/11/2006).

A raiz da escola está neste lugar (...) Para nós é gratificante ter uma escola de samba num bairro como esse (Ana, entrevista realizada em 11/11/2006).

Repletos de estima pelo passado e por sua história, dão mérito às suas características de “pessoas da área”. Embora o bairro tenha mudado muito com o passar dos anos, ainda manifesta a tradição do samba conduzido de geração em geração, atuando como “cimento social”:

Samba é coisa que está no sangue. Uma vez que você entra não sai mais, não tem jeito (...) Aqui é uma família, todo mundo se conhece desde pequeno (...) Eu moro aqui no Parque Peruche desde quando nasci (...) Quem fundou a escola foram meus familiares (...) A Unidos do Peruche é o meu segundo coração (Carlos, entrevista realizada em 12/11/2006).

Com o passar dos anos, a intensa urbanização no bairro gerou forte aumento populacional e fez com que essa realidade “de bairro” passasse por transformações muito expressivas. Assim, surgiram mais duas escolas de samba: a Morro da Casa Verde, em 1962, e a Império de Casa Verde, em 1995, além da Unidos do Peruche, que já existia desde 1956:

Com o crescimento populacional, surgem a Morro da Casa Verde e a Império de Casa Verde, frutos de um mesmo ideal, embora com interesses diferenciados (Lino, entrevista realizada em 29/11/2006).

Essas sensações concernentes aos interesses diferenciados de cada escola evidenciam-se, principalmente, em decorrência da competição no Sambódromo entre as duas escolas do Grupo Especial: a Império de Casa Verde e a Unidos do Peruche (que retornou ao Grupo Especial no carnaval 2010).

A Império de Casa Verde possui uma dinâmica diferenciada de política interna em relação a Unidos do Peruche e Morro da Casa Verde, pois o problema dinheiro nunca fez parte das suas dificuldades (...) Sua quadra para ensaios é um verdadeiro castelo imperial, com colunas romanas estereotipadas nas suas laterais da entrada e um enorme tigre ao centro (...) Ali existe um importante poder paralelo que extrapola o “mundo do samba” (Sambista, entrevista realizada em 29/11/2006).

Por outro lado, existe um discurso de pertencimento ao lugar, mesmo entre as pessoas que frequentam escolas distintas. É esse o discurso preponderante, que, manifestado pelos moradores do bairro, caracteriza pro-

fundamente os da “quebrada”, não importando a condição sócio-econômica ou a faixa etária em que se encontrem. Para a maioria, a ideia de irmandade é um elemento forte inserido no cotidiano, nos encontros, no lugar:

Embora existam rivalidades entre as escolas, o discurso e a prática da irmandade prevalecem (...) O conflito se expõe na apuração, mas, no geral, existe uma camaradagem muito grande (...) Sei de casos em que ocorreu o empréstimo de peças de bateria, e até mesmo auxílio financeiro para uma outra escola poder desfilar (Tiarajú, entrevista realizada em 24/11/2006).

Há, nesse discurso, algumas particularidades que merecem destaque, sobretudo no tocante às irmandades religiosas presentes em São Paulo no início do século XX. Este período é marcado por restrições intensas com relação à prática religiosa afro-descendente, sendo as irmandades a grande saída encontrada para a resistência da religiosidade atrelada ao candomblé, que, no começo do século, passa a incorporar mais intensamente algumas mudanças provenientes das pressões impostas pela Igreja Católica, desde aquela época representante da religião oficial⁸. Como questão de sobrevivência, muitos negros tiveram que se associar para poder ter maior força na consolidação de sua resistência, diante da espoliação imposta:

Além das atividades religiosas que se traduziam na organização de procissões, festas, coroações de reis e rainhas, as irmandades também exerciam atribuições de caráter social como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, concessão de dotes, visita aos prisioneiros, proteção contra os maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria. A mais famosa dentre as inúmeras irmandades de pretos é a de Nossa Senhora do Rosário. Desde os séculos XV e XVI era sob essa invocação que em Portugal se congregavam os homens negros (QUINTÃO, 2002, p. 75).

Ainda hoje, muitos negros buscam se associar para restabelecer a identificação perdida na grande cidade, invocando-se a posição de descendentes de famílias escravizadas. Recuperar na memória a história do bairro onde passaram a infância e a juventude através da comparação com os avós e bisavós significa reaver as suas próprias histórias que, apesar de diferentes, vêm impregnadas das heranças culturais referentes ao ser negro no Brasil.

Todo mundo se junta, todo mundo participa, busca formas de manter a escola de samba (...) Aqui somos todos irmãos, seja na cor da pele, seja nos sentimentos (Carlos, entrevista realizada em 12/12/2006).

Na “quebrada” do Parque Peruche, existe uma busca por aqueles que são iguais, intrincando uma rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência e vínculos, definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, que se remete a uma série de códigos e permite identificar quem é e quem não é da “quebrada”.

Durante todo o tempo que estivemos em campo pudemos observar, seja por meio das conversas com moradores ou pelos eventos de que participamos, a importância dos eventos patrocinados pelas escolas de samba, com destaque para os jogos de futebol:

No Parque Peruche, as pessoas se identificam muito com o futebol e têm nele um importante meio de sociabilidade (...) Desde o início do bairro, isto acontece (...) Apesar de existirem alguns times de futebol tradicionais (Ponte Preta do Parque Peruche, Cruz da Esperança, Dragões) é na atualidade o time de futebol de salão “Memo-Memo” o que mais empolga os “peruchenses” (...) Apesar de novo (fundado em 2001), já se sagrou campeão paulista de futebol de salão e arrasta uma enorme torcida do bairro, com muito batuque por onde quer que vá jogar (...) Curiosamente, na manga da camisa do uniforme do time há uma bandeira do Parque Peruche, escolhida pelos moradores na primeira vez em que se comemorou o aniversário do bairro (Lino, entrevista realizada em 29/11/2006).

Muitos terrenos destinados à prática do futebol cederam vez à ocupação residencial com interesses residencial e comercial. Esses campos de futebol acabaram por se concentrar nos limites da “mancha” e hoje constituem áreas de parada para um público eclético.

“Mancha” é outra categoria trabalhada por Magnani (2000). Em sua perspectiva, constituem áreas contíguas do urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante, sendo que estes equipamentos podem competir entre si ou se complementar.

Quem joga futebol e frequenta esses eventos não é necessariamente o público do “pedaço”. O futebol permite o encontro dos diferentes, pois times chegam de todas as partes de São Paulo para jogar com o pessoal do “pedaço”. Um exemplo clássico é o do Grêmio Esportivo Cruz da Esperança, que tem dois ex-jogadores famosos como diretores. Este fato atrai pessoas de vários bairros da cidade e dos mais diferentes segmentos sociais, fomentando um circuito que abre a possibilidade do “pedaço” sair de seu âmbito particular e conviver com desconhecidos em trajetos particulares

realizados dentro da cidade. O circuito do futebol une os bares, as escolas de samba e os campos de futebol em uma série de possibilidades para o novo. Aquilo que aparentemente nada tem em comum, revela-se reconhecido pelos seus usuários.

Muitas vezes um time que chega na “quebrada” é composto somente por empresários, ou por funcionários de uma churrascaria, ou mesmo por malandros de outra “quebrada”. Assim, muitas trocas vão se realizando nestes encontros e inevitavelmente novos convites são feitos.

A presença das batucadas nos jogos de futebol também é lembrada por Osvaldinho da Cuíca, importante sambista da cidade de São Paulo, ao comentar sobre a formação do cordão carnavalesco Cai-Cai, que depois mudou seu nome para Vai-Vai ainda na década de 1920.

Antigamente se ia bater no campo de futebol, fazendo som com instrumentos improvisados até a noite. O Vai-Vai surge assim, de um grupo de pessoas que tocavam na beira do campo durante os jogos da Cai-Cai (Osvaldinho da Cuíca, Depoimento transcrito do documentário Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida, 2007, 1ª parte, 11'17")⁹.

A prática do futebol propicia a sociabilidade entre pessoas de diferentes localidades e segmentos sociais, além de vir acompanhada por grupos de batuqueiros que acompanham o seu time, dando cadência ao futebol jogado. Nos encontros, muitas trocas se realizam e novos convites para partidas são feitos. Esta associação entre a fundação de escolas de samba e a prática do futebol é verificada em outros casos, como no da Escola de Samba Rosas de Ouro:

A Rosas de Ouro se originou do time de futebol Glorioso, a partir da reunião de pessoas como nós que acompanhávamos a batucada durante e depois da partida (Maria Helena Brito, entrevista concedida ao programa “Meu bairro minha escola” da Rede Globo de Televisão, exibido no dia 11 de fevereiro de 2007).

Segundo a perspectiva do grupo de pessoas entrevistadas, a presença das escolas de samba permite a criação de valores identitários comuns. Para esse grupo, a noção de pertencimento vem atrelada ao imaginário relacionado com a formação do próprio bairro:

Eu desfilo na escola do bairro onde eu nasci, onde eu cresci, onde eu a acompanho desde pequena (...) Então eu posso falar que é a escola do meu coração (Ana, entrevista realizada em 11/11/2006).

Depoimentos como esses evidenciam uma profunda conexão com o território. Além do mais, existe uma relação afetiva entre as pessoas, capaz de gerar identificações e sentimentos de alegria. Diferentemente do “pedaço”, onde há uma busca pelos iguais, a “mancha” oferece combinações não esperadas, dando a oportunidade para aqueles que não são do “pedaço” interagir com os que são. Além disso, propicia uma multiplicidade de relações entre os atores sociais e seus equipamentos, edificações e vias de acesso, abrindo a “quebrada” do Parque Peruche para os que são “de fora”.

A “mancha” aqui exposta é formada pelas escolas de samba Unidos do Peruche, Império de Casa Verde e Morro da Casa Verde. Fisicamente próximas uma das outras, as três escolas de samba complementam-se com o mesmo efeito, transformando-se em um ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (MAGNANI, 2000). Por conseguinte, atraem sem discriminação aqueles que são “de fora”.

No interior da “mancha” um complexo movimento se dá em função das especificidades de cada uma das escolas de samba. Para o olhar daqueles que são “de fora”, tudo é samba e a presença de novos frequentadores depende muito da classificação obtida no último carnaval.

Na Unidos do Peruche, que é a escola mais tradicional da “mancha”, seu público interno é formado por indivíduos que buscam suas origens, que há muito tempo fazem parte do “pedaço” e por isso trazem em seus sentimentos algo de “ancestral”. Ou seja, seus familiares fizeram ou fazem parte da construção do nome da escola, projetando-a para o que é hoje. É uma escola com 50 anos de existência, e, por essa razão, muitos sambistas antigos se sentem superiores, por guardarem consigo um passado que lhes diz respeito, relacionado à história de suas próprias vidas.

A Morro da Casa Verde, apesar de também ser querida pelos moradores do Parque Peruche, não possui uma quadra, mas apenas uma sede. Seus ensaios acontecem nas ruas do “pedaço” e talvez por esta razão tenha poucos participantes. Pelo fato de não ser concorrente direta da Unidos do Peruche por estar a muito tempo em grupos diferentes no desfile carnavalesco, tem nos seus desfiles e seus ensaios (que são em dias não coincidentes com a Unidos do Peruche) a participação de grande número de perucheanos. Em termos econômicos, o Morro da Casa Verde é o “primo

pobre” da “mancha”, utilizando-se de uma escola municipal situada dentro do Parque Peruche para a realização de seus ensaios em dias de chuva.

Por outro lado, a Império de Casa Verde é a caçula da “mancha” e sua fundação se deu através de uma dissidência com a Unidos do Peruche. Com apenas doze anos de existência, é formada por um público mais jovem em comparação com as outras duas e como toda irmã caçula, é “invejada” pelas “co-irmãs”¹⁰ mais velhas. Muitos da “quebrada” do Parque Peruche dizem que “é uma escola de samba nova e como todo produto novo possui prazo de validade”. Apesar de ter sido campeã do carnaval do Grupo Especial em 2005 e 2006 e possuir maior capacidade de investimentos por razões já destacadas anteriormente, a Unidos do Peruche e a Morro da Casa Verde continuam tendo destaque entre os moradores do Parque Peruche.

Mesmo com todas essas peculiaridades das escolas de samba citadas, elas se reconhecem e se respeitam. Na lógica interna do “pedaço”, a “mancha” é bem demarcada por essas peculiaridades, embora, para os de “fora” do “pedaço”, trata-se apenas de uma área com concentração de escolas de samba que servem ao lazer e ao espetáculo.

A “quebrada” do samba evidencia como um olhar “de perto e de dentro” permite desfazer a impressão de que a cidade produz apenas o isolamento do indivíduo, a fragmentação, a desordem, contrapondo-se os “de longe” aos “de fora”, sem excluí-los. A própria palavra “quebrada” propõe a ruptura com tudo o que é excludente, retrógrado e que não propicia soluções para as adversidades da vida na metrópole. Uma ruptura com o “velho modelo de cidade” sem oportunidades. Do rompimento com esses parâmetros os sambistas conseguem vislumbrar com ânimo novas realidades.

Em nossa pesquisa de campo nos deparamos com uma série de bares, mercearias e botecos, mas um deles merece referência. Conhecido como “Picanharia do Gaúcho”, esse estabelecimento iniciou suas atividades vendendo picanhas argentinas e uruguaias em uma churrasqueira de latão colocada na calçada. Atualmente é um importante ponto de referência no meio da “mancha”. Curioso notar, tal é a heterogeneidade de seus frequentadores, que além do pessoal do “pedaço” encontramos gaúchos, nordestinos e pessoas das mais diversas regiões de São Paulo.

No ano passado, cerca de quinze pessoas, entre funcionários e frequentadores da “Picanharia do Gaúcho”, resolveram se organizar e parti-

cipar do desfile carnavalesco em uma das escolas de samba da “mancha”. Temos aí uma representação clara de um novo padrão de troca, entre os funcionários da “Picanharia” – na maioria gaúchos, e os frequentadores, muitos deles moradores do Jardim São Bento, bairro situado dentro da “mancha” e formado por famílias de ganhos altos. Interessante observar ainda que alguns deles se empolgaram tanto que convidaram amigos de Miami (EUA) para desfilarem no ano seguinte¹¹.

3. O samba na “quebrada” do Bexiga

*Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver, vai no Bexiga pra ver
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
e não se vê mais a luz da Lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É tradição e o samba continua.*

Música: *Tradição*
Autoria de Geraldo Filme
Cd: “Geraldo Filme”

A música *Tradição* de Geraldo Filme (1928-1995) expressa a expropriação que a urbanização trouxe aos “territórios do samba” no Bexiga, “engolindo” parcelas deles. Mas, como diz o compositor, a Vai-Vai continua firme no “pedaço”, pois é parte da tradição do samba paulistano¹².

Como evidenciado anteriormente, existe uma forte vinculação entre a formação das escolas de samba e dos blocos carnavalescos, que muitas vezes se organizam a partir de times de futebol de várzea. Este é o caso do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, que “surgiu de um time de futebol de mesmo nome, que por sua vez foi fundado para rivalizar com outro time existente no bairro: o Cai-Cai” (SIMSON, 1989, p. 96).

Situada na Rua São Vicente n° 276, no bairro da Bela Vista, a escola de samba Vai-Vai é mais do que um local onde se dá o encontro entre pessoas envolvidas com a dinâmica do samba, ela guarda a tradição do “pedaço”, conforme cantou Geraldo Filme em sua mais famosa composição.

No momento em que começamos a frequentar a escola, tínhamos como intento o entendimento da dinâmica do bairro a partir da análise “da mais visível” escola de samba da cidade. Pretendia-se percebê-la, relacionando-a com o cotidiano das pessoas que ali residem e tecem suas relações sociais diárias.

Em nossa pesquisa de campo, observamos alguns aspectos da organização administrativa, da conformação das alas, dos ensaios da bateria, da escolha do samba-enredo e a formação das “parceradas”. As “parceradas” são junções de compositores para a elaboração do samba-enredo.

Uma de nossas primeiras constatações foi a de que a escola apresenta uma dimensão “cosmopolita”, aberta não apenas à Bela Vista, mas até mesmo aos frequentadores de outras escolas de samba e de outros bairros¹³. Como explicação, há de se destacar o fácil acesso à escola por meio dos corredores de ônibus e grandes avenidas, como a Brigadeiro Luís Antônio e a Nove de Julho, e, ainda, a Avenida Paulista e a proximidade com estações de metrô, a exemplo da Trianon.

Pode-se ilustrar tal fato com uma conversa que tivemos com um frequentador, que dizia morar no “fim da Zona Leste” e passou a frequentar a escola quando trabalhou na região, a qual, segundo ele, apresenta um fácil acesso¹⁴. O depoimento do diretor cultural da Vai-Vai vem ao encontro deste fato:

Se você vier aqui num domingo de janeiro, que é o ápice dos ensaios, vai ver os ônibus chegando apinhados no terminal (...) Os ônibus ficam parados uns cinco minutos e o pessoal vai descendo (...) É um pessoal que morava aqui e agora está principalmente na zona sul e leste (...) E este pessoal vem tudo para cá, entendeu? (...) Antes não tinha como se locomover facilmente para cá, pois era difícil a condução (...) Por exemplo, meu genro é nascido e criado no Capão mas vem para o Vai-Vai, não só ele como toda a família dele vem para cá (Penteado, entrevista realizada em 05/03/2008).

Tiramos muito proveito do período que antecedeu o carnaval de 2010, quando os ensaios foram intensificados e a Vai-Vai passou a atrair frequentadores de diversas regiões da cidade, transformando-se em local para a diversão, além dos ensaios.

Atraídos pelo samba, fonte de lazer nesta época do ano, muitos vão para a escola como se fossem para um bar ou casa noturna. Com tanta gente acrescida, há necessariamente a ocupação das ruas vizinhas da

quadra para a realização de alguns eventos (como podemos verificar na foto 1, a quadra é pequena e fica abarrotada com facilidade)¹⁵. Nesses dias, a quadra fica aberta para a venda e a exposição de fantasias, enquanto o samba-enredo é entusiasticamente entoado na rua.

Foto 1

RODA DE SAMBA NA ESCOLA DE SAMBA VAI-VAI



(Fonte: Alessandro Dozena, Fevereiro de 2010)

Na ocasião do último ensaio antes do carnaval, presenciamos a concessão de benção a todos os presentes na quadra, efetuada pelo padre da Igreja Nossa Senhora Achiropita. Segundo alguns entrevistados, isto serve de reforço da confiança para o desfile carnavalesco realizado no Sambódromo. Interessante ainda notar que no mês de maio, ou casualmente em outros meses, é realizada a “Missa Afro”, na Igreja Nossa Senhora Achiropita. Nesta oportunidade, os cantos católicos cedem lugar à música afro-brasileira e muitos elementos do catolicismo são amalgamados àqueles dos cultos afro-brasileiros.

É interessante, pois a Igreja da Achirópita é uma igreja italiana, a santa é de devoção italiana, mas é a igreja mais negra que existe em São Paulo, porque tem a pastoral afro dentro da igreja, tem casamento afro, batizado afro, missa afro em todo primeiro domingo do mês (...) Então você vai chegar num domingo e ver os atabaques tocando dentro da igreja, o pessoal paramentado com roupas africanas (risos) (...) quer dizer, isso só o Bexiga consegue, esta mistura de raças entre o negro e o italiano, esta convivência, e agora com a presença dos nordestinos também (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Há de se salientar a devoção dos sambistas aos protetores das religiões afro-brasileiras. Em algumas das escolas que visitamos soubemos da existência de altares dedicados aos orixás e divindades afro-brasileiras, além daqueles destinados aos santos católicos. Como os dedicados aos orixás ficam em lugares acessados apenas pelos diretores da escola, os “forasteiros” somente visualizam os altares dos santos católicos, que em geral estão bem visíveis nas quadras das escolas. Lopes (2005) observa que na cidade do Rio de Janeiro, até a década de 1970, as quadras eram chamadas de terreiros, além de obedecerem a um regime tácito semelhante ao dos barracões de Candomblé.

Foto 2

ALTAR DEDICADO AOS SANTOS CATÓLICOS NA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PERUCHE



(Fonte: fotografia cedida por Márcio Michalczuk Marcelino)

Há, de modo geral, a não permissividade para que se fotografe estes ambientes, dado o caráter reservado a eles atribuído. É interessante notar que em algumas escolas de samba visitadas percebemos a sobreposição da presença de santos católicos e orixás. Este fato comprova a tese de Rita Amaral (2002), de que é principalmente no estilo de vida festivo do povo de santo¹⁶ e dos frequentadores das escolas de samba, que se pode compreender a relação de proximidade e de sobreposição entre esses espaços.

Cabem algumas palavras sobre o acompanhamento da disputa dos sambas-enredos de 2010. Existem algumas estratégias para a divulgação do samba junto à comunidade, dentre elas a gravação de *Compact Disc* (CD) para a distribuição nos ensaios. Essa prática tem como propósito divulgar as composições com a maior abrangência possível, atenta à premiação do samba vencedor na forma de dinheiro ou carro.

Por outro lado, esta gravação demanda um investimento que visa ao retorno financeiro posterior, proveniente da escolha do samba-enredo que representará a escola no desfile carnavalesco¹⁷.

Portanto, é muito comum os compositores pedirem apoio a políticos e comerciantes para a confecção e impressão das letras das músicas, posteriormente distribuídas. Muitas vezes, o compositor contrata cantores profissionais que, além de dar maior qualidade à interpretação da composição concorrente, atraem pessoas para a quadra durante a fase de eliminatórias.

Outra informação a respeito da escolha do samba-enredo nos foi dada por um de nossos entrevistados: “o samba que ganha é sempre o samba do presidente”. Segundo este depoimento, nem sempre importa a qualidade do CD gravado ou da composição, pois o samba-enredo que irá vencer passa pelo crivo da diretoria. Com um detalhamento maior, percebe-se também que o carnavalesco tem um importante papel de orientação da escolha do tema do ano, na medida em que é o responsável pela confecção da sinopse (orientações gerais sobre o enredo do ano), podendo opinar a respeito das composições, dizendo se ela está “fora do tema” ou não. Em termos gerais, a sinopse expõe as orientações sobre o tema escolhido para o desfile carnavalesco para cada ano específico.

No caso da Vai-Vai, dá-se muito valor aos compositores que são “da casa” e que são reconhecidos pelos vínculos com a comunidade, sendo

portadores dos mesmos símbolos, orientações e valores. Outra observação realizada nesta experiência foi a necessidade de que as composições se enquadrassem na sinopse fornecida pela diretoria da escola aos compositores. Ou seja, a letra deve se relacionar com o tema escolhido para o carnaval do ano. Cabe salientar que as entrevistas realizadas nos apontam que existe o interesse de captar recursos por meio de patrocínios e auxílios provenientes de empresários, políticos ou empresas escolhidas para serem “homenageadas” pelo samba-enredo.

Um detalhamento maior revela que a circulação de compositores entre as agremiações é intensa no período de eliminatórias dos sambas-enredo (agosto a outubro). Isto só não ocorre quando o compositor é exclusivo de sua agremiação (exemplo da Vai-Vai e da Camisa Verde). Os compositores que somente concorrem em sua agremiação são chamados de “compositores de ala fechada”. Ainda vale ressaltar que a circulação dos compositores só não é bem vista quando realizada entre as escolas do mesmo grupo (como as do Grupo Especial) ou quando realizada com escolas originadas a partir de torcidas de futebol.

Em meio ao temário central do artigo, faz-se necessária uma digressão útil sobre as escolas de samba originadas de times de futebol e outra sobre a hierarquia presente de modo geral nas escolas de samba. Apesar de fazerem parte do “mundo do samba” as escolas Gaviões da Fiel (Corinthians), Mancha Verde (Palmeiras), Camisa 12 (Corinthians), Dragões da Real (São Paulo) e Torcida Jovem Santista (Santos) apresentam uma lógica de torcida uniformizada e, muitas vezes, reproduzem no desfile os mesmos atos de agressão praticados nos estádios. Dentre as principais ocorrências já observadas, merece destaque a do carnaval de 2005, quando alguns integrantes da Gaviões da Fiel deram as costas durante o desfile das escolas rivais, além de causarem transtornos no dia da apuração.

Esta selvageria (Adorno) reproduz as batalhas campais das torcidas, contribuindo para a perda da “fantasia” existente nos desfiles carnavalescos. As torcidas seriam o “ponto de partida” para a estetização das massas, o que, segundo Walter Benjamin, era o mesmo praticado pelo nazismo. Assim sendo, ao invés das massas serem o fim de uma estética, elas também se transformaram no meio pelo qual se configura uma estetização. O carnaval, como algo lúdico, passou a ser tomado pelas torcidas uniformizadas,

que costumemente se organizam de uma maneira autoritária, belicosa, depredadora e predatória.

Por conta destas atitudes, a partir de 2006 passaram a vigorar dois títulos no carnaval paulistano. Além do título do Grupo Especial, foi criado o Grupo das Escolas de Samba Desportivas, vencido pela Mancha Verde em 2007. A partir de 2008, as escolas de samba desportivas voltaram a participar do Grupo Especial (Mancha Verde e Gaviões da Fiel). É interessante assinalar que estas escolas não fazem questão de assumir o discurso de pertencimento a um bairro específico¹⁸.

Após esse esclarecimento, voltemos à escola de samba Vai-Vai, para tratar da hierarquia nela evidente. Ao observarmos seu público frequentador, podemos classificá-lo em “turistas” (aqueles que só buscam diversão e aparecem nos momentos que antecedem o desfile carnavalesco, nem sempre conhecendo as normas internas) e “permanentes”, que se conhecem e convivem juntos durante o ano todo. Para estes, os eventos que ocorrem na escola durante o ano funcionam como oportunidades de lazer e de encontro, para os quais a quadra é o ponto de referência.

No que se refere às normas, observamos a existência de uma organização administrativa que, da mesma forma que nas outras escolas de samba, integra uma hierarquia rigidamente estabelecida e respeitada pelos membros integrantes (na maioria, pessoas da comunidade). No topo, encontram-se o presidente e os diretores, seguidos pelos membros distribuídos nas alas e na bateria.

Em algumas das escolas de samba que visitamos, como a Império de Casa Verde, notamos a existência de camarotes reservados à diretoria e “patronos” da escola que nela aplicam grande montante de capital. Paradoxalmente, pode-se dizer que se reproduz na dinâmica interna de algumas escolas a mesma estrutura de classes segregadas e segregadoras¹⁹. Por conseguinte, existe uma negociação constante com o poder, envolvendo os dirigentes das escolas de samba, políticos, traficantes, bicheiros, empresários, configurando-se uma rede complexa de relações e interesses. Por outro lado, verifica-se nos desfiles carnavalescos o que poderia ser chamada de uma “maquete social” da realidade excludente, pois no chão caminham os negros e pardos e nos carros alegóricos os brancos, que ha-

bitualmente pagam para ocupar uma posição de destaque. Nessa reflexão, Cosgrove nos auxilia, ao asseverar que:

O estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto, às vezes, é chamado de hegemonia cultural. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade (COSGROVE, 2004, p. 105).

Do mesmo modo, as contribuições teóricas de Rogério Haesbaert (2004) permitem pensar que no interior de uma escola de samba como a Vai-Vai existem diferentes formas de apropriação que ocorrem na área da quadra: o local para a diretoria, o local para os membros da velha guarda, o local para os integrantes da bateria, o local para os mais idosos, o local para os solteiros, o local para conversar, o local para tocar e não tocar etc.²⁰

Embora a organização interna da escola revele esta hierarquia com relação ao uso e à apropriação diferenciada, cada um dos integrantes ressalta a importância de seu trabalho para a escola, além de aparecer presentemente em seus discursos a ideia de trabalho coletivo com fins de vencer o desfile.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a procura pelo respeito existente internamente, sendo banido qualquer ato preconceituoso. Busca-se tratar a todos como iguais, embora não se possa afirmar que todos sigam esta norma. Tais regras de convivência, constitutivas das relações sociais ali desenvolvidas, transparecem em frases como “aqui dentro todo mundo é respeitado e por isto eu te respeito” ou “não importa o que a pessoa faz lá fora, aqui dentro ela tem que andar na linha”.

Ao pretender estudar os eventos e atividades realizadas na Vai-Vai entre os meses de agosto de 2009 a janeiro de 2010, tínhamos também como intenção captar o sentido comunitário dessas atividades, concebendo o samba como produto social. Mas, com o decorrer das visitas, algo novo se vislumbrou: a importância da quadra da escola para os seus frequentadores. Isto nos permitiu enxergá-la não apenas em sua materialidade, mas percebê-la como um objeto geográfico repleto de significações. Assim

sendo, a quadra exerce a função de local de ensaio, lazer, projetos sociais, apresentações musicais, eventos políticos, bingos, rodas de samba, atividades assistenciais, sede administrativa, eventos esportivos, configurando-se como um lugar central não só para as atividades relacionadas com o samba, como explica Penteadado:

Fora o samba nós temos muitas atividades culturais (...) Nós temos aula de inglês e espanhol, gratuitamente (...) Aula de capoeira, dança afro, reforço escolar, o programa leve leite (...) Hoje não é mais só bater bumbo (...) A gente é que se movimenta por aqui, as pessoas são voluntárias (...) Por isto é que se chama movimento e não projeto, porque todas se movimentam em prol da cultura, da capacitação, do reeducar e do reaprender (...) Tiramos a garotada da rua, ela vem para cá ter aulas de percussão (Penteadado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Na quadra também são realizadas as reuniões da diretoria, as rodas de samba semanais e os vários eventos que só poderiam acontecer da maneira que acontecem neste ambiente, visto que os encontros e trocas ali existentes provêm de uma sociabilidade derivada da combinação de vários fatores. Neste sentido, a quadra atua como fonte de relações sociais específicas, que são o produto de práticas sociais remotas e em constante diálogo com as atuais.

Em outras palavras, a escola de samba foi observada como o resultado de uma rede emaranhada de relações sociais desenvolvidas historicamente pela comunidade local, onde o passado e o presente dialogam constantemente com a prática cotidiana da comunidade, promovendo novos vínculos e reafirmando antigos laços sociais. A quadra da escola reforça e promove vínculos de interação com o lugar e entre as pessoas, constituindo-se aquilo que Berque (1998) denominou de forma simbólica espacial. Estas formas contêm representações construídas pelas pessoas e que envolvem o passado, o presente e o futuro. Assim, elas são marcas e matrizes presentes na criação e recriação de algumas práticas sócio-espaciais específicas.

Ante o exposto, adotamos uma postura em que foi dado valor à interação pesquisador-pesquisado. A partir desta postura articulamos as informações recolhidas de modo a perceber a interação existente entre as pessoas e o lugar. Sem a existência de um ambiente para o encontro, os vínculos existentes entre os membros da escola de samba não seriam tão

estáveis e sólidos e, ao mesmo tempo, não se manifestariam tão claramente as dissidências. Sem a existência de alguns “arranjos particulares”, que somente existem no interior da quadra da escola, esta não passaria de uma construção material.

Mais do que isso, ela possui uma “força aglutinadora” de pessoas, sendo um lugar de troca, encontros, discussões, constrangimentos, exibicionismos etc.; onde se instauram códigos entendíveis principalmente pelos da “quebrada”, que se conhecem e reconhecem mutuamente. Tanto que, em nossas primeiras visitas, fomos considerados estranhos pelos frequentadores habituais da escola, que se aproximavam e perguntavam quem éramos e o que fazíamos.

A partir das evidências constatadas, passamos a acreditar que a quadra poderia ser classificada como um “pedaço”, nos moldes em que este é definido por Magnani (2000). O “pedaço” da Vai-Vai é dependente dos vínculos mantidos e fortalecidos pelos encontros propiciados em diversas ocasiões do ano. Esse nosso recorte revelou algumas reflexões associadas ao “pedaço”. Dessa forma, configurou-se uma exploração da escola de samba Vai-Vai, sua organização, seus eventos, seus integrantes e algumas das suas normas de funcionamento.

Como já exposto, nem todos os frequentadores pertencem ao bairro da Bela Vista (Bexiga), devido à localização central da escola e sua referência para o samba paulistano. Além deste fato, dois de nossos entrevistados afirmaram que:

A Vai-Vai é uma escola de samba universal, aberta, por mais que tenha a vinculação com o Bexiga (...) Com a construção das avenidas, valorização dos terrenos e remoção dos cortiços, muitos de seus componentes foram expulsos para outros bairros da cidade. Hoje, mesmo vivendo nesses outros bairros, esses componentes se deslocam até o Bexiga para ensaiar na Vai-Vai, valendo-se da centralidade geográfica dessa escola e, obviamente, movidos pelo amor que sentem por ela (Tiarajú, entrevista realizada em 24/11/2006).

Aqui no Bexiga mesmo, sambistas do bairro devem estar entre dez a quinze por cento (...) Por causa do Minhocão que foi construído, a 23 de Maio, todo o progresso, fez com que os negros fossem embora, principalmente para trabalhar na Casa Verde como mão-de-obra na extração de areia dos rios (Penteadó, entrevista realizada em 24/10/2007).

Embora uma boa parte dos frequentadores seja proveniente de outros bairros, buscam um ponto de aglutinação para a construção e fortalecimen-

to de seus laços. Mais do que alguns significados relevantes, subjacentes à estrutura da escola de samba Vai-Vai, abriram-se novas possibilidades de estudo que não se faziam inicialmente presentes, delineando alguns novos rumos que podem ser tomados como orientadores de estudos posteriores.

Com a expansão da cidade, a noção de pertencimento sofreu modificações, visto que boa parte dos integrantes da Escola de Samba Vai-Vai, por exemplo, não mais residem no bairro da Bela Vista. Pelo que temos constatado, isto também ocorre em outras escolas, de maneiras diferentes, pois em alguns bairros as pessoas podem ter se mudado menos e terem maiores vínculos com o lugar; em outras palavras, estarem mais territorializadas.

Acreditamos que ainda prevaleçam os foliões que escolhem a escola de samba do bairro onde residem para desfilarem. Entretanto, há também os que optam pela escola conforme as boas colocações obtidas nos últimos carnavais, ou pela fama que têm perante a sociedade. O depoimento de Chicle da Vai-Vai explicita a maior ligação dos sambistas do passado com os seus bairros:

Antigamente existia muita rivalidade, principalmente entre a Camisa Verde e o Vai-Vai (...) Quem era da Barra Funda era da Barra Funda, quem era da Bela Vista era da Bela Vista (...) Se você me pegasse na Barra Funda eu te pegava na Bela Vista (...) Veja agora, no dia do desfile, a minha ala segue para tal lugar, então mando o ônibus para lá (...) Ou seja, a comunidade nem sempre mora no local onde está a quadra (Chicle, Depoimento transcrito do documentário Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida, 2007, parte III, 56'02").

Grosso modo, pode-se avaliar que ainda prevalecem os foliões que escolhem a escola de samba do bairro onde residem para desfilarem e participar de seus eventos (ou mesmo para torcer). Mas, atentando para o depoimento de Chicle da Vai-Vai, fica claro que anteriormente era mais possível explicitar a ligação dos sambistas com os bairros onde residiam e, até mesmo, era muito mais evidente a rivalidade entre as escolas de samba. Neste item, devemos tratar atualmente da presença de “comunidades no urbano”, não mais da “comunidade urbana” da maneira com que foi tradicionalmente trabalhada pelos geógrafos.

Em virtude desta nova possibilidade que se vislumbra, tornou-se necessária a busca de uma categoria que mostre que a noção de pertencimento extrapola a noção de bairro. A crítica aqui não quer desconsiderar a importância do bairro como o espaço imediato da vida cotidiana, mas demonstrar que o pertencimento a uma escola de samba nem sempre está vinculado ao morar naquele bairro, mas insere-se dentro de um “território móvel”, nos moldes do conceito trabalhado por Marcelo Lopes Souza (1995), ou de circuito e trajeto, conforme aponta o trabalho realizado por Magnani (2000).

Segundo Souza, a expressão “território móvel” foi cunhada por Robert Sack (1986), na medida em que este autor considera que “*most territories tend to be fixed in geographical space, but some can move*” (apud SOUZA, 1995, p. 88). Neste trabalho, Marcelo Lopes de Souza trabalha com os territórios da prostituição “flutuantes” ou “móveis” na cidade do Rio de Janeiro, que tendem a ter limites instáveis e temporalidades bem definidas.

Ainda que em nossa opinião fosse mais adequada a utilização do termo territorialidade, em virtude do caráter efêmero das apropriações, esta ideia se apresenta adequada à análise das práticas de circulação associadas ao samba, por sua flexibilidade em ativar ou desativar as ações dos sambistas nas diferentes formas de apropriação territorial em São Paulo.

Notas

¹ “Pan-Américas de Áfricas utópicas, tûmulo do samba mais possível novo quilombo de Zumbi”. Trecho de *Sampa*, composição de autoria de Caetano Veloso.

² A designação “Mundo do Samba” visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares, casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba. Em virtude da amplitude de possibilidades de pesquisa, focamos a análise nas escolas de samba, rodas e movimentos de samba. Não houve uma focalização nos eventos de gafeira, samba-rock e naqueles que ocorrem em bares sofisticados ou botecos; o que por si só renderia outro artigo.

³ Ouvi essa frase do eminente sambista paulistano e fundador da escola de samba Unidos do Peruche, Sr. Carlão.

⁴ Artigo publicado na Folha de São Paulo de 16 de Fevereiro de 2007, intitulado “Vai-Vai enfrenta juizes do Carnaval 2007 e do Tribunal”, de autoria de Alice Assunção.

⁵ Para uma reflexão sobre a congada em sua relação com as redes de sociabilidade presentes no contexto urbano de uma cidade média, ver: KINN, Marli G. **Negros congadeiros e a cidade:**

Costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia – MG. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, São Paulo, 2003.

⁶ A descrição da briga de galos por Geertz, para explicar a sociedade balinesa, serviu-nos de inspiração.

⁷ No carnaval de 2010 as escolas localizadas na Região Norte e pertencentes ao Grupo Especial eram: Acadêmicos do Tucuruvi, Unidos de Vila Maria, Sociedade Rosas de Ouro, Mocidade Alegre, X9 Paulistana e Império de Casa Verde. Nas demais regiões estavam: Imperador do Ipiranga (Sul), Leandro de Itaquera (Leste), Águia de Ouro e Pérola Negra (Oeste) e Tom Maior, Mancha Verde, Vai-Vai e Gaviões da Fiel (Centro).

⁸ A partir da Lei 7.716/89 a discriminação religiosa foi transformada em crime cuja pena pode chegar a três anos de prisão, além de multa aplicada ao discriminador. Segundo declaração do ministro interino Elói Ferreira de Araújo, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, Caderno VIDA & de 22/01/09, pg. A17, os cultos afro-brasileiros são os principais alvos de intolerância religiosa. Nas palavras do ministro: “Não basta a sanção penal. É necessária a construção coletiva de um novo valor”.

⁹ MELLO, Gustavo; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida (Filme-Vídeo). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes / Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007. 3 partes.

¹⁰ A utilização da designação co-irmãs pelos sambistas aparenta ter o intuito de reforçar o discurso da afeição entre as escolas de samba.

¹¹ Conforme relato fornecido por Márcio Michalczyk Marcelino, a quem sou grato pela interlocução.

¹² Homenagem semelhante foi feita por Carlos Drummond de Andrade no “Poema à Nação Mangueirense”, enredo da Escola de Samba Mangueira no ano de 1987.

¹³ No carnaval de 2010 vimos uma faixa disposta nas arquibancadas do Sambódromo do Anhembi com a escrita: “Torcida Vai-Vai Baixada Santista”, o que demonstra a polarização que também atinge o interior do estado de São Paulo.

¹⁴ Um caminho interessante de reflexão se daria a partir do mapeamento e tabulação da proveniência dos frequentadores da Vai-Vai. Todavia, não tivemos êxito nas tentativas de obtenção desse dado junto à diretoria da escola de samba. Cabe assinalar que a ida aos ensaios e as conversas com os frequentadores nos permitem a alegação segura deste caráter “cosmopolita”, fundamentado em uma definição amostral preliminar, construída a partir da seguinte questão: Qual é a região de São Paulo em que você reside? Como resposta, obtivemos moradores provenientes de todas as regiões.

¹⁵ A área da quadra tem aproximadamente 170 m², compreendendo um salão maior, um mezanino e várias salas menores.

¹⁶ Povo-de-santo: “Aquele que se filia ao candomblé ou a outras religiões afro-brasileiras como a umbanda, o batuque, o xangô etc.” (AMARAL, 2002, p. 21).

¹⁷ Um caso de samba-enredo que se tornou famoso e rendeu importante retorno ao compositor foi o da Escola de Samba Gaviões da Fiel no ano de 1995, que tinha como refrão principal: “Me dê a mão me abraça viaja comigo pro céu, sou gavião levando a taça, com muito orgulho pra delírio da Fiel”. Além de ter conduzido a escola à sua primeira vitória no Grupo Especial, este samba-enredo ficou amplamente conhecido.

¹⁸ As quadras das três escolas de samba que representam os grandes times futebol de São Paulo: Gaviões da Fiel (Corinthians), Mancha Verde (Palmeiras) e Dragões da Real (São Paulo), estão localizadas a uma pequena distância entre si, nas adjacências da Avenida Marquês de São Vicente.

¹⁹ Esta questão propicia um interessante estudo sobre a relação entre esta hierarquia de classes e a hierarquia rígida presente no candomblé, visto que ambas perpassam pelos territórios das

escolas de samba. Vale mencionar que no candomblé existe uma hierarquia que acompanha a função de cada membro inserido no corpo ritualístico e outra que é galgada pelo tempo de participação nos eventos do terreiro. Pondo em paralelo, nas escolas de samba, os parentes de frequentadores e sambistas antigos da escola, que contribuíram com o desenvolvimento da mesma, recebem um tratamento diferenciado.

²⁰ O mestrado de Eloiza Neves Silva (2002) intitulado **História de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas** analisou o processo de constituição das escolas de samba e do carnaval paulistano a partir do ponto de vista da mulher negra. Nele, as narrativas descrevem em detalhes a participação feminina na organização da população negra tanto no espaço doméstico quanto no desenvolvimento de atividades relativas ao lazer.

Referências

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e de viver no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

BERQUE, Augustin. Paisagem marca, paisagem matriz. Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. **Mercator – Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, ano 01, número 01, p. 19-28, 2002.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KINN, Marli G. **Negros congadeiros e a cidade: Costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia-MG**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LOPES, Nei. A presença africana na música popular brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Uberlândia, n. 50, p.1-11, jul. 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem o meu parente**: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

SILVA, Eloiza Maria Neves. **História de vidas de mulheres negras**: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SIMSON, Olga von. **Branco e negro no carnaval popular paulistano (1914-1918)**. São Paulo, 245f Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

VIANA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Documentário

MELLO, Gustavo; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. **Samba à Paulista**: fragmentos de uma história esquecida (Filme-Vídeo). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes / Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007. 3 partes.

Recebido em: 30/04/2010

Aceito em: 29/05/2010